

## ARTE REVOLUCIONÁRIA, FORMA REVOLUCIONÁRIA: A LITERATURA POLÍTICA DE JORGE AMADO E ALEJO CARPENTIER <sup>1</sup>

Eduardo José TOLLENDAL

**RESUMO** *No campo dos estudos comparados, este trabalho pretende analisar e interpretar os romances Jubiabá, Mar morto, Terras do sem fim, de Jorge Amado, e Écúe-Yamba-Ó e La consagración de la primavera, de Alejo Carpentier. O ponto comum entre tais romances consiste no propósito de focalizar a situação e os lugares do negro latino-americano no contexto do subdesenvolvimento, promovendo a denúncia do capitalismo e da sociedade de classes. Estas novelas, portanto, inscrevem-se numa tradição literária de comprometimento com uma causa, que se desenvolve na literatura da América Latina desde o regionalismo naturalista. Complementarmente, estes romances refletem uma consciência política que se desenvolve nos anos 30, sob a influência do ideário marxista. O prestígio do realismo socialista justifica o desenvolvimento deste tipo de novela. Através da descrição destes romances numa perspectiva sócio-antropológica, em que se delineiam as relações afetivas com sintoma da dominação de classe, torna-se possível avaliar os procedimentos que caracterizam as manifestações desta tendência literária na obra de cada autor. Neste sentido, procuramos discutir problemas inerentes a toda literatura política, verificando a tensão que se estabelece entre a intenção ideológica e a autonomia da forma. As soluções encontradas por Amado e Carpentier para estes problema apontam a distinta qualidade de suas literaturas como arte revolucionária, segundo os princípios da estética marxista.*

**SUMMARY** *In the field of comparative studies this inquiry aims at analyzing and interpreting the novels Jubiabá, Mar Morto, Terras do sem fim, written by Jorge Amado and Écúe-Yamba-Ó and La consagración de la primavera by Alejo Carpentier. The relationship among these novels exists in that there is an attempt to reconcile and focus on the status of blacks in underdeveloped contexts, which denounces capitalism and the class society. The novels, therefore, are within the naturalist regional literary tradition of commitment to a cause, which developed in Latin American Literature. In addition, they are a reflection of the political consciousness developed during the thirties*

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, no dia 28 de novembro de 1997, sob a orientação da Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber.

*influenced by the Marxist perspective. The prestige of socialist realism justifies the development of this type of novel. Through a description of these novels and from a socio-anthropological perspective in which an outline of affective relationships symptomatic of class domination are highlighted, it was possible to identify the procedures that characterize the various manifestations of this tendency in the work of each author. In this manner, the problems of political literature and the ways in which autonomy of form were adapted to the requirements of ideology are identified. The solutions to these problems found by Amado and Carpentier point out the distinctive quality of their narrative as revolutionary art based on Marxist aesthetic theory.*

No final dos anos 60, encontrava-se à venda em balcões de liquidação que se espalhavam por todo o Rio de Janeiro uma série de romances latino-americanos editados pela Civilização Brasileira. Dentre eles encontrei *O reino deste mundo*, de Alejo Carpentier. Passado o longo período em que as relações entre Brasil e Cuba estiveram “estremecidas”, no final dos anos 80, vim a reencontrar um volume da obra deste autor cubano que a literatura francesa reivindica<sup>2</sup>, *A consagração da primavera*, nas prateleiras pouco nobres e letradas, menos ainda revolucionárias, de um supermercado. Pude, então, realizar a leitura de sua obra completa, cotejando a versão original e a tradução brasileira.

Esta experiência revelou-me uma obra da maior grandeza estética enquanto forma de expressão literária e projeto de construção ideológica. A leitura de sua vasta obra crítica e teórica, por outro lado, mostrava-me que seu trabalho de criação correspondia a um projeto de conhecimento e representação da cultura e da civilização latino-americanas. Enquanto intelectual de dupla formação, Carpentier se preocupava com a produção de uma literatura que, sendo universal, estivesse decididamente empenhada na construção de uma identidade local, aderindo, assim, a uma proposição fundadora que é uma constante da história intelectual e artística na América Latina.

Este reencontro fortuito com a literatura de Carpentier determinou a definição de meu objeto de estudo. Na sua obra eu encontrava inúmeras respostas (e as respostas que eu queria) para as questões de identidade e cultura que então me interessavam. A sedução deste reencontro, certamente, é responsável pelo entusiasmo de algumas passagens desta tese.

Posso creditar à riqueza estética e intelectual da obra de Carpentier boa parte do tempo em que estive naufragado, nesta pesquisa. Foi um período em que andei atormentado pelo propósito enciclopédico de tudo dizer sobre o que é dito na obra do autor cubano. A invenção do realismo maravilhoso, as relações entre surrealismo e política, o barroquismo essencial da linguagem americana, as teorias americanistas, que estabelecem diálogo com a antropofagia oswaldiana e com o modernismo de Mário de Andrade, entre outros temas, resultaram em alentados capítulos, que acabaram no fundo da gaveta.

---

<sup>2</sup> Refiro-me à fala de Pierre Rivas, no Congresso da ABRALIC, São Paulo, 1994.

Costumo dizer que Jorge Amado entrou nesta história por indicação de Antonio Candido. Realmente, o autor de *Jubiabá* não aparecia em meu horizonte de estudos literários há algum tempo, possivelmente desde o final dos anos 60 - fato que exigiu de mim um grande esforço de recuperação de sua imagem de intelectual, esforço de que se ressentem algumas passagens mais mordazes desta tese.

Uma observação de Antonio Candido, propondo uma aproximação entre os romances *Jubiabá* e o menos conhecido *Écúe-Yamba-Ó*, de Alejo Carpentier, em virtude de apresentarem uma nova abordagem do lugar do negro latino-americano no espaço do subdesenvolvimento, trouxe Jorge Amado para este estudo, agora, comparado.

Segundo Antônio Candido, esta abordagem menos pitoresca da situação do negro, que caracteriza o romance latino-americano de linhagem regionalista a partir dos anos 30, corresponde a um fenômeno de amadurecimento da consciência política de parte de nossa elite intelectual. A formação desta consciência crítica seria decorrente de uma conjuntura externa em que se destacam, em meio à crise do capitalismo de 29, a consolidação dos Estados-nacionais, a fundação dos partidos comunistas e a difusão do marxismo. Este quadro ideológico, propondo uma abordagem da organização da sociedade em termos políticos e econômicos, permite apontar a exploração capitalista e a dominação de classe, com o apoio dos Estados-nacionais a serviço das elites *criollas*, como causas do subdesenvolvimento em que vivia o negro nas repúblicas da América Latina.<sup>3</sup>

Estas teorias desfazem outras teorias, que fundamentavam a linhagem tradicional da nossa literatura regionalista - como o preconceito positivista quanto à índole diferenciada das raças, assim como abalam a consciência amena do atraso, escorada na idéia de que os países-novos da América estavam predestinados a realizar naturalmente seu futuro de grandeza.

A identificação deste problema veio pôr a caminho a nau sem rumo da minha pesquisa, levando-me a formular um primeiro objetivo, assim definido: era preciso verificar como se dá a representação do negro no universo ficcional dos romances *Jubiabá* e *Écúe-Yamba-Ó*, no contexto das literaturas progressistas da América Latina, segundo o ângulo ideológico de cada autor.

Este estudo fundamentou-se, inicialmente, numa leitura política do universo ficcional, em que se destacam os conceitos de 'exclusão', 'alienação' e 'conscientização', referentes ao modo de inserção dos personagens na história social.

Além desta leitura, procurei verificar, numa perspectiva mais antropológica, como se dá a valorização de determinadas formas populares de cultura nos romances de Amado e Carpentier - contemplando um anseio geral dos escritores da época de contribuir, através da literatura, para a afirmação de uma identidade nacional autêntica, original e diferenciadora, que tivesse no negro e nas classes populares sua fonte de inspiração.

Como esta é uma bandeira comum aos intelectuais integralistas, devo dizer que, para os escritores da segunda fase modernista, mais identificados com o marxismo, a

---

<sup>3</sup> Antonio CANDIDO. Literatura e subdesenvolvimento. In *A educação pela noite e outros ensaios*.

participação do negro na formação da cultura local dependia de sua efetiva integração ao processo político e econômico, através de uma revisão das hierarquias sociais. Esta proposta, que ia além dos apelos paliativos e assistencialistas de integração do negro a um sistema educacional que sequer existia, caracteriza-se como revolucionária. Assim, a questão econômica tornava-se caso de literatura.

Uma vez armado este arcabouço interdisciplinar, visando à leitura destes romances de orientação, a um só tempo, nacionalista e socialista, ocorre-me uma questão fundamental: quais são as determinações, para a estética do romance, deste projeto literário de nítidas intenções ideológicas?

Era preciso, portanto, traçar um segundo objetivo, assim definido: verificar o papel que estes romances cumpriram, no horizonte de expectativas de uma época em que conviviam as estéticas de vanguarda e do realismo socialista, em termos de ruptura ou confirmação do gênero; era preciso observar, portanto, o tenso diálogo entre esteticismo e engajamento, descrevendo as formas de expressão praticadas por cada autor em seu romance - uma vez que, como observa Alejo Carpentier, *todo nacionalismo descansa en el culto a una tradición y el "vanguardismo" significaba, por fuerza, una ruptura con la tradición.*<sup>4</sup>

No exercício da análise - e em seu proveito - tomo alguns princípios teóricos de procedência conteudista, formalista ou recepcional<sup>5</sup> como plenamente aceitos e estabelecidos. A intenção foi praticar a crítica literária com rigor científico, evitando, contudo, carregar o texto - e sua leitura - de constantes revisões conceituais e metodológicas. Em primeira instância, são os romances que definem os procedimentos de análise.

Nos capítulos de introdução e conclusão, procurei discutir brevemente o conceito de arte revolucionária, marcando a descontinuidade entre os princípios da estética marxista e o programa do realismo socialista: enquanto a estética marxista reconhece o caráter humanista e a autonomia da obra de arte, sem abrir mão da crítica ao capitalismo, evidentemente, o realismo socialista prende-se à verossimilhança ideológica e à repetição de procedimentos paradigmáticos.

Assim procedendo, acreditei estar contribuindo para a configuração de uma estética comum às narrativas políticas da América Latina, numa linha de pesquisa voltada para a reflexão sobre as poéticas da modernidade.

Nos romances *Jubiabá* e *Écue-Yamba-Ó*, em que pese algumas variantes, o anticapitalismo é um traço evidente - o que nos mostra a confiança de seus autores no poder da palavra literária como instrumento de transformação da sociedade.

No romance de Carpentier, contudo, o anticapitalismo se manifesta de forma mais discreta, através dos discursos do narrador e de alguns personagens, que denunciam a exploração econômica a que é submetido o negro nos engenhos de açúcar e nas cidades cubanas, no período posterior às guerras de independência, sob forte pressão do imperialismo norte-americano. No ambiente revolucionário dos anos 70 - quando se dá a

---

<sup>4</sup> Alejo CARPENTIER. Prólogo. In *Écue-Yamba-Ó*, p. 18.

<sup>5</sup> As relações intertextuais, a fundamentação interdisciplinar, o efeito de literariedade, o caráter ficcional, a prevalência da subjetividade, a ilusão da mimese, a crise do realismo, a formação do cânone, etc.

reimpressão deste romance dos anos 30 - seu desenlace mítico ganha sentido premonitório, inscrevendo-o como romance de fundação de uma nova sociedade.

A perspectiva marxista é mais incisiva e determinante, contudo, no romance de Amado. Através das ações do personagem Balduino, Amado parte da denúncia para a pregação efetiva da luta de classes, conclamando o negro - e seus leitores - a assumirem o seu papel histórico.

Os dois romances se aproximam, ainda, pelo franco propósito de documentação de práticas culturais afro-americanas - como a dança, a música e a culinária - que são elevadas a símbolos da nacionalidade. Bem aceitas pela sociedade, na medida em que ornamentam a cultura local sem interferir com a ordem estabelecida, parecem promover uma aproximação maior entre povo e elite, com a mediação dos intelectuais.

Mas, para os escritores progressistas, como foi dito, somente a transformação da ordem econômica propiciaria uma efetiva emancipação da cultura das classes dominadas, sem o risco de convertê-la em fetiche, numa diabólica operação populista. Assim sendo, nestes romances revolucionários, o negro passa a ser visto não só como ser cultural mas também como agente da própria história.

Ainda aqui, a orientação marxista - ou, mais precisamente, do realismo socialista, é mais determinante na obra de Jorge Amado do que na de Carpentier. Ao enfatizar a militância política do personagem Balduino, Amado o leva a menosprezar práticas culturais a que era, originalmente, aficionado, como a umbanda. Este tratamento depreciativo compromete o intuito de elogio da raça e de valorização da cultura afro-americana, como procedimentos de recuperação da auto-estima das classes populares. Balduino nega os valores da cultura negra e desmerece seus referenciais afetivos mais próximos - como o pai-de-santo Jubiabá. Preso ao estereótipo, Amado não consegue dialetizar a consciência da negritude e a formação da consciência marxista do herói proletário.

À parte este excesso proselitista das seqüências finais, o romance de Amado reitera o tom popular-nacionalista dos romances de 30.

A leitura destes romances irá nos revelar, contudo, que, no campo dos relacionamentos amorosos e das práticas sexuais indiscriminadas, que tanto nos orgulham - onde se situa a instituição reguladora do matrimônio, instrumento inequívoco de ascensão social, que determina a formação da família, o estabelecimento da propriedade e a distribuição da herança - vigoram mecanismos de controle que apontam para as dificuldades de aproximação entre povo e elite, através da integração afetiva e econômica das classes subalternas. Este impedimento tácito do casamento inter-racial, no terreno das elites, logicamente, compromete a tese da democracia racial, inviabilizando a configuração de um modo de ser latino-americano em que o negro, efetivamente, tenha lugar. O preconceito, em última instância, tem razões econômicas.

No romance de Carpentier, a interdição das relações afetivas entre negros e brancos é um dado da realidade com que o autor trabalha conscientemente; em *Écuela-Yamba-Ó*, a hipótese de um relacionamento inter-racial não é sequer colocada. Em compensação, o casal protagonista Menegildo e Longina, como alegoria da beleza, da

energia e da fecundidade da nacionalidade afro-cubana, vive um idílio amoroso e intensamente sensual - ainda que estigmatizado - como convém à auto-estima da raça.

Em *Jubiabá*, por sua vez, Jorge Amado deprecia o amor entre negros, sempre brutalizado e descompromissado.

Diga-se - a bem da verdade - que a interdição dos relacionamentos inter-raciais é um dado da realidade que sua narrativa confirma - através da paixão doentia, porém impossível e unilateral, do negro Balduino pela branca Lindinalva. Apenas no momento de maior degradação de sua carreira de prostituta, quando seria possuída por um freguês repugnante - gordo e careca, segundo a descrição do autor - Lindinalva admite ceder seus encantos ao negro Balduino.

Amado prefere, contudo, alimentar esta paixão ideal e castradora - a que denomina, sem ironia, maravilhosa ventura de amor - do que trazer as razões deste impedimento, de ordem econômica e racial, à consciência do herói e do leitor. Ficamos, portanto, na fronteira entre o romance político e o melodrama.

Este tratamento depreciativo da figura do futuro herói proletário, que se coloca na posição de escravo da prostituta branca, promove o desprezo da raça; logo, compromete o efeito pedagógico deste romance, que - como observa Eduardo de Assis Duarte - visa à demolição dos preconceitos que as elites republicanas haviam herdado da mentalidade patriarcal.<sup>6</sup>

O mérito destes romances se deve ao fato de terem renovado a tradição literária.

Com *Jubiabá*, a narrativa moderna encontra sua atualidade no campo da democratização da linguagem, com apoio na oralidade das narrativas populares.

Em *Écue-Yamba-Ó*, o diálogo - ainda que passageiro - com as experimentações de vanguarda revela a superação da concepção realista da mimese, que norteia a tradição das *novelas de la tierra*.

Ao renovarem paradigmas estabelecidos, num processo de causalidade interna de nossas literaturas, estes romances alcançaram um nível de excelência estética que os torna permanentes, em relação à média da época.

Da perspectiva do leitor de hoje, contudo, estas narrativas não podem disfarçar o predomínio da convenção realista do século XIX em sua organização interna, como evidenciam a posição autoritária do narrador e o caráter documental e referencial do relato.

Uma vez configurado este arcabouço estético, demarcando uma tendência do moderno romance latino-americano, ocorreu-me a necessidade de verificar a permanência, a variação ou a superação destes princípios na trajetória literária de Amado e Carpentier. Dada a dimensão de suas obras, alguns romances foram, inicialmente, destacados.

A inclusão de **Mar morto** como objeto desta pesquisa - romance que, como observa Eduardo de Assis Duarte, extrapola o projeto de uma literatura militante<sup>7</sup> - deveu-se a seus significados no campo da representação da nacionalidade.

---

<sup>6</sup> Eduardo de Assis DUARTE. Jorge Amado: romance em tempo de utopia, p. 122.

<sup>7</sup> Eduardo de Assis DUARTE. Jorge Amado: romance em tempo de utopia, p. 29.

Neste romance, que se segue a *Jubiabá*, Amado parece compensar a excessiva politização de suas narrativas, rever a excessiva positividade - em termos gorkianos - de seus heróis populares, optando por explicar o destino trágico do protagonista na esfera dos mitos afro-baianos. Por outro lado, através do saudável relacionamento afetivo do casal protagonista Lívia e Guma - compreendido numa dimensão alegórica, Amado retoma o projeto de construção de uma identidade étnica e cultural mestiça, estimulando, novamente, a auto-estima da raça que a paixão de Balduino arrefecera.

A pregação anticapitalista, contudo, não está ausente desta narrativa; manifesta-se no discurso do narrador, nas falas dos personagens Dr. Rodrigo e Dona Dulce, e em narrativas paralelas, como as histórias do negro Bagé e do marinheiro Besouro; fora da trama, a exploração econômica dos trabalhadores do mar constitui a causa histórica da morte do herói. *Mar morto* insere-se, portanto, na série política da sua literatura.

Este é o mérito de *Mar Morto*: tentar, enfim, a conciliação entre folclore e militância - ou seja, entre literatura revolucionária e narrativa popular - que Antônio Balduino não soube encontrar.

Completam a lista os romances *Terras do sem fim* - que representa, para toda a crítica, o momento de melhor realização da literatura política de Jorge Amado - e *La consagración de la primavera* - considerado o grande épico da Revolução Cubana.

Do ponto de vista estético, *Terras do sem fim* caracteriza-se pelo franco desequilíbrio: não entre marxismo e folclore, mas entre marxismo e capitalismo.

A manifestação de uma estética efetivamente revolucionária, conjugando, em nível de excelência, conteúdo político e expressão literária, concentra-se em suas seqüências iniciais. No capítulo O navio - alegoria do Brasil, com suas classes - Amado surpreende pela multiplicidade de planos convergentes com que constrói a narrativa. No capítulo A mata - em que se identificam a natureza e os heróis populares, em sua grandeza e fragilidade - sua linguagem alcança um nível de elaboração que nos remete ao barroquismo latino-americano.

Em algumas passagens destas primeiras seqüências, o narrador dá voz aos personagens Ester e Damião - através do discurso indireto livre - deixando ouvir a voz dos oprimidos.

Mas, a partir do capítulo Geração de Cidades, a narrativa ganha outro rumo: o rumo da narrativa de costumes, que se caracteriza pela despolitização do enredo, pela substituição dos heróis populares e problemáticos por personagens inexpressivas da pequena-burguesia, pelo tratamento da violência, na luta pela terra, num clima de mexericos, pelo fim da denúncia do capitalismo incipiente, etc.

O sentido trágico da eliminação de Damião e Jeremias, ou da reificação de Antônio Vítor e Ester, pelo mandonismo local, é esvaziado, em sua força crítica, pela inauguração da épica baiana, que passa a narrar, de forma pitoresca, as aventuras guerreiras e amorosas dos coronéis do cacau.<sup>8</sup> Para ficarmos entre baianos, posso dizer

---

<sup>8</sup> A atribuição de todos os males ao coronel Teodoro das Baraúnas relativiza a violência de classe, praticada pelos outros coronéis. Teodoro chama para si a violência, a arbitrariedade e a perversão, livrando os outros coronéis deste traço de barbárie. O tratamento cômico ou grotesco, nem sempre é carnavalizador, podendo ser glamurizante.

que, nas seqüências finais de *Terras do sem fim*, enquanto os homens exercem seus podres poderes, matar e morrer de fome, de raiva ou de sede são, cada vez mais, gestos naturais.<sup>9</sup>

Do ponto de vista das formas literárias, esta mudança de gênero encontra correspondência na substituição do discurso indireto livre, que permitira a introspecção dos personagens problemáticos e a multiplicação do foco narrativo, por uma narrativa centrada num narrador onisciente e autoritário, em moldes realistas, temperada pela adoção da prosa cotidiana - procedimentos que também caracterizam a narrativa de costumes. Não se trata de defender o discurso panfletário e o realismo socialista, mas de lamentar - numa perspectiva marxista - a supressão da voz dos oprimidos e o elogio indistigado da modernização reflexa como forma de progresso.

A literatura revolucionária de Amado não se encerra com este romance - que, como observa Eduardo de Assis Duarte, tem seu desvio político corrigido no romance seguinte *São Jorge dos Ilhéus*; mas devo supor que os sintomas de ruptura com uma literatura militante, que marca a trajetória ideologicamente "neutralizada" da sua obra a partir de *Gabriela, cravo e canela*, em 1958, já estão presentes - como a maçã dentro da casca, diria Machado de Assis - neste romance de 1942.

Para finalizar, vejamos o romance *La consagración de la primavera*.

Este romance - para usarmos uma expressão de Bakhtin - apresenta uma organização interna bivocal: narram os protagonistas Vera e Enrique - através do fluxo de consciência - sua aventura existencial, que se entrelaça com a história política deste século, indo da Revolução Russa, à Guerra Civil Espanhola e à Revolução cubana.

Com este procedimento estrutural - posso dizer, citando Bakhtin - a concepção do autor refrata-se de maneira muito sutil e cautelosa nas palavras dos heróis-narradores<sup>10</sup> - que podem ver os conflitos históricos que os envolvem de óticas diferentes.

Neste sentido, o romance de Carpentier supera as limitações do gênero em sua vertente socialista, abrindo espaço para a contradição, para a polifonia, para o convívio dos contrários. Para Bakhtin - este tom dialogal e o mergulho na subjetividade - num discurso literário em que a afirmação do "eu" do outro não é posta como objeto mas como sujeito<sup>11</sup> - representam um avanço da literatura contemporânea.

Como nada é perfeito e as obras literárias são produtos humanos e culturais, nas seqüências finais deste romance, quando a ação se concentra em Cuba, a narrativa apresenta um evidente fenômeno de regressão estética. As determinações ideológicas do ambiente revolucionário, evidentemente, fazem ressaltar as intenções nacionalista e socialista, comprometendo a qualidade estética da narrativa.

---

<sup>9</sup> Numa entrevista recente à revista *Caros Amigos*, Jorge Amado enfatiza, em relação aos destinos da humanidade, que talvez seja preciso criar uma síntese entre socialismo e capitalismo. Esta proposta já está em *Terras do sem fim*, mas não como síntese e, sim, como etapas entre a utopia vencida e o liberalismo arbitrário e violento dos coronéis.

<sup>10</sup> Mikhail BAKHTIN. *Problemas da poética de Dostoiévski*, p. 178.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 6.



A documentação de práticas culturais populares - como a dança folclórica, numa cena que reproduz passagens de *Écúe-Yamba-Ó*, assim como o descritivismo da natureza tropical, confirmam o quadro de euforia nacionalista.

Por outro lado, alguns procedimentos desgastados do já antigo realismo socialista são resgatados - incluindo-se uma incrível glorificação do grande líder. Através dos heróis positivos Calixto e Gaspar Blanco - músicos e guerrilheiros - Carpentier coloca o negro como ser cultural e agente de sua própria história. Gaspar Blanco - sobretudo - assume seu papel histórico de forma extraordinária, esbanjando coragem e determinação. Os personagens Mirta e Calixto, complementarmente, configuram um casal alegórico de evidente sentido transgressor e revolucionário.

Além disso, os fatos históricos - com destaque para a resistência heróica em Playa Gijón - levam à capitulação dos protagonistas-narradores - inclusive Vera, apresentada em toda a narrativa como um personagem apolítica - unificando o discurso bivocal em torno da verdade revolucionária. Neste sentido, o romance *La consagración de la primavera* confirma o gênero, ao definir-se pela solução socialista - como indica a metáfora que dá título ao romance.

Em defesa do autor, considere-se que a dimensão épica da narrativa submete-se à subjetividade do protagonista Enrique - e que, em sua consciência, manifestam-se por vezes, a dúvida e a incerteza, se não quanto à causa revolucionária, pelo menos quanto ao próprio heroísmo; considere-se, ainda, que na fase heróica da Revolução Cubana, quando foi escrito *La consagración de la primavera*, esta verdade é, sobretudo, verossímil, no sentido de que a história afirma a utopia como real e factível.

O efeito de fechamento ideológico, no arranjo final da narrativa, contudo, é evidente.<sup>12</sup> Desfaz-se o *impasse*<sup>13</sup> - como diria Bakhtin, sobre os méritos de Dostoiévski. O discurso bivocal revela sua *orientação única*.<sup>14</sup>

Este desvio nos fez pensar - conclusivamente - que a arte ideologicamente revolucionária tende à redundância; no anseio de convencer o público e conscientizar o leitor, privilegia a reprodução de fórmulas narrativas convencionais, como o registro realista. Neste sentido, tende a ser, formalmente e ideologicamente, conservadora.<sup>15</sup>

Por outro lado, esta pesquisa evidenciou - como demonstram Amado e Carpentier, nos melhores momentos de suas narrativas - que o intuito ideológico não determina, necessariamente, a reprodução de modelos convencionais, centrados na autoridade do narrador.<sup>16</sup> Ao contrário, a renovação do gênero e das formas expressivas não só eleva a qualidade literária das narrativas revolucionárias como pereniza a sua mensagem.

---

<sup>12</sup> Ibidem, p. 95. Tornando-se dogmático, o discurso - segundo Bakhtin, *perde toda a relação com a cosmovisão carnavalesca*. Perde, portanto, sua condição de revolucionário - se considerarmos que o ímpeto transformador deva ser permanente.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 178.

<sup>15</sup> Curiosamente, a literatura da cultura de massa também privilegiará a reprodução de modelos consagrados visando a fácil comunicação com o público, no seu intuito de fazer da arte um instrumento de entretenimento e conformação ideológica.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 94. O método dialógico de busca da verdade opõe-se - segundo Bakhtin - ao monologismo oficial, dogmático e autoritário.

Não tive, contudo, a pretensão de definir arte revolucionária. Parafraseando uma apreciação de Northrop Frye sobre o juízo de valor demonstrável, eu diria que as categorias literárias são - como a cenoura do burro - algo que se persegue sempre, numa busca que não acaba nunca. Minha intenção foi, apenas, fazer girar o conceito enquanto instrumento de análise.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, Walter (et al.) **Textos escolhidos. Os pensadores** (tradução de José Lino Grünnewald et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- \_\_\_\_\_. Engagement. In: **Notas de literatura** (tradução de Celeste Afida Galeão et al.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Martins, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Mar morto**. São Paulo: Martins, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Terras do sem fim**. São Paulo: Martins, 1959.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem** (tradução de Michel Lahud et al.). São Paulo: HUCITEC, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski** (tradução de Paulo Bezerra). Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- CANDIDO, Antonio. Poesia, documento e história. In: **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.
- CARPENTIER, Alejo. Problemática de la actual novela latinoamericana. In: **Ensayos. Tientos y diferencias**, Razón de ser. Editorial Letras Cubanas, Ciudad de La Habana, Cuba, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Écúe-Yamba-Ó**. Madrid: Alfaguara, 1982.
- \_\_\_\_\_. **La consagración de la primavera**. Barcelona: Plaza & Janes, 1989.
- CERQUEIRA, Nelson. **A Política do Partido Comunista e a questão do realismo em Jorge Amado**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1988.
- CHIAMPI, Irlomar. La antropofagia y lo real maravilloso: el diálogo americanicista entre Oswald de Andrade y Alejo Carpentier. **Plural**. México, dezembro 1986. Nº 183, vol. XVI-III.
- DORFMAN, Ariel, El sentido de la historia en la obra de Alejo Carpentier. In: **Imaginación y violencia en América**. Barcelona: Anagrama, 1972.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Tese de doutoramento apresentada ao Depto. de Teoria Literária e Literatura Comparada, FFLCH, USP, 1991.
- \_\_\_\_\_. Do rodapé à crítica universitária, Jorge Amado, um caso polêmico. **Anais do 2º congresso da ABRALIC**, V. 2. Belo Horizonte: UFMG, 1991.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de. **Da profecia ao labirinto: imagens da história na ficção latino-americana contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, UERJ, 1994.
- GALVÃO, Walnice N. Amado: respeitoso, respeitável. In: **Saco de gatos: ensaios críticos**. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

- GARCÍA-CARRANZA, Araceli. Vida y obra. In: **Alejo Carpentier: un hombre de su tiempo**. La Habana: Editorial CREART, 1994.
- HOBBSBAWN, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LAFETÁ, João Luiz Machado. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LÖWY, Michel. **Romantismo e messianismo**. São Paulo: Perspectiva, EDUSP, 1990.
- LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: **Ensaio sobre literatura** (tradução de Leandro Konder). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. O realismo crítico na sociedade socialista. In: **Significado presente do realismo crítico** (tradução de Carlos Saboga). Lisboa: Cadernos de hoje, 1964.
- MÜLLER-BERG, Klaus. **Asedios a Carpentier**. Chile: Editorial Universitaria, 1972.
- NOVAES, Adauto. Apresentação. In: CHAÚÍ, Marilena. **Seminários: o nacional e o popular na cultura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SARTRE, Jean-Paul. Pour qui écrit-on. In: **Qu'est-ce que la littérature?** France: GALLIMARD, 1948.
- SLOCHOWER, Harry. La personalidad comunitaria en la literatura soviética: de Lunacharsky a Gorki a Ehrenburg y Sholojov. In: **Ideología y Literatura (entre las dos guerras mundiales)**. México: Era, 1971.
- SOMMER, Doris. Irresistible romance: the foundational fictions of Latin America. in BHABHA, Homi K. (org.) **Nation and narration**. London, New York: Routledge, 1990.
- WERNER, Dennis. **Uma introdução às culturas humanas: comida, sexo e magia e outros assuntos antropológicos**. Petrópolis: Vozes, 1987.